

# SPPA

Jornal da

**Impresso Especial**

9912258547-DR/RS  
SOC. PSIC. POA  
ACF- RUA DA PRAIA SHOPPING

CORREIOS



Envolvimento autorizado.  
Pode ser aberto pela ECT.

ANO 11 • DEZEMBRO 2012 • Nº 22

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

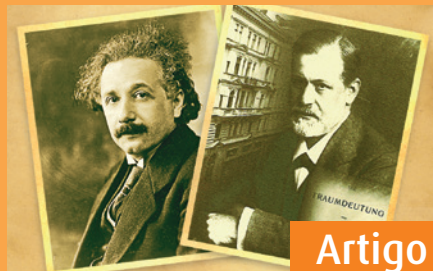
SOCIEDADE  
PSICANALÍTICA  
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

## Virtualidade e memória na história da SPPA



**Artigo**

PÁGINA 11

### Einstein e Freud: por que a guerra?

Reflexões psicanalíticas sobre a guerra

### O uso das redes na infância e adolescência

**Artigo**

PÁGINA 9



**Cultura**

PÁGINA 10

### SIMONE do virtual ao real

Uma análise do filme

## ENTREVISTA: Pioneiros falam sobre os 50 anos de SPPA

PÁGINA CENTRAL

#### USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

<input type="checkbox"/> MUDOU-SE	<input type="checkbox"/> INSUFICIENTE	Reintegrado ao Serviço Postal em
<input type="checkbox"/> RECUSADO	<input type="checkbox"/> CEP	
<input type="checkbox"/> DESCONHECIDO	<input type="checkbox"/> NÃO EXISTE O NÚMERO	____/____/____
<input type="checkbox"/> FALECIDO	<input type="checkbox"/> INDICADO	
<input type="checkbox"/> AUSENTE	<input type="checkbox"/> INF PORTEIRO/SÍNDICO	_____ Visto-responsável
<input type="checkbox"/> NÃO PROCURADO		

Endereço para devolução: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre  
Rua General Andrade Neves, 14 conj. 802 - Porto Alegre - RS - 90010-210

PRESIDENTE

Viviane Sprinz Mondrzak

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Eleonora Abbud Spinelli

DIRETOR CIENTÍFICO

José Carlos Calich

DIRETORA FINANCEIRA

Luiza Olga Luderitz Hoefel

DIRETORA DO INSTITUTO

Ingeborg Bornholdt

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Zelig Libermann

DIRETOR DE DIVULGAÇÃO

Jair Knijnik

DIRETORA DO NIA

Maria Elisabeth Cimentí

COMISSÃO EDITORIAL

Katia Wagner Radke (Coordenadora)  
Carlos Augusto Ferrari Filho  
Elizabeth Meyer Wolf  
Maria da Graça Motta  
Sandra Wolffenbüttel  
Suzana Golbert

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares  
Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)  
Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

Palavra da Presidente



Viviane Sprinz Mondrzak\*

## 50 ANOS DA SPPA: dimensões entrelaçadas de passado, presente e futuro

**E**instein costumava dizer que a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, teimosamente persistente. Esta frase reflete com simplicidade o que sabemos bem: as divisões de tempo e espaço são categorias que usamos para organizar os dados da realidade para que possamos nos sentir mais seguros, por isto o pensamento lógico é teimosamente persistente e necessário. Mas não podemos nos iludir e acreditar que a realidade é de fato assim, dividida em tempos e espaços. Estes são apenas modos que a nossa mente utiliza para organizá-la.

Os eixos temáticos desta edição, muito bem escolhidos pelos colegas responsáveis por este jornal nos remetem diretamente para estas questões. Em 2013, a SPPA completará 50 anos desde seu reconhecimento oficial pela IPA. Momento de comemorar a vitalidade da nossa instituição, mas também de pensar em passado, presente e futuro como dimensões entrelaçadas, onde cada uma redimensiona a outra (algo que a noção de *après-coup* de Freud tão bem sinaliza).

Lembrar a história é muito mais do que trazer lembranças nostálgicas e homenagear os pioneiros (mesmo também sendo tudo isto). É pensar sobre esta história, como ela nos ajuda a ter uma visão do momento atual e, com isto, já se vai construindo o futuro, no dia a dia do que convencionamos chamar tempo presente.

O outro eixo, que trata do mundo virtual, uma realidade estabelecida em nossas vidas, também requer reflexões isentas de preconceitos. Entre outros aspectos, quando falamos de virtualidade, falamos de espaços. A psicanálise conferiu ao mundo interno um status definido, diferente do mundo externo, ambos entrelaçados numa gama infinita de relações. Não tardou a que se somasse uma terceira área, um espaço transicional, de ilusão, onde não cabe o questionamento do que é externo e o que é interno. Aliás, uma pergunta que nunca pode ser respondida. Temos agora um outro espaço, o virtual.

Onde encaixá-lo no nosso esquema mental? Como pensá-lo? Estas são questões que demandam muito estudo e reflexão e que, certamente, não podem ser respondidas aqui. Mas fica o convite para que o leitor use estes pequenos textos para se deixar provocar e seguir pensando.

Uma boa leitura.

**Lembrar a história é pensar sobre ela e como nos ajuda a ter uma visão do momento atual e, com isto, já se vai construindo o futuro, no dia a dia do que convencionamos chamar tempo presente.**

\*Presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

## Quem somos?

Porto Alegre conheceu a psicanálise nos anos de 1920, através de uma série de conferências proferidas na Faculdade de Medicina da UFRGS. As perspectivas da psicanálise estimularam profissionais a partirem para a Argentina, em busca de capacitação para trabalhar como psicanalistas. Eles fundaram um grupo de estudos psicanalíticos, que deu origem à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, a primeira instituição psicanalítica fundada no RGS.

A SPPA é formada por profissionais da saúde mental: médicos e psicólogos, e está filiada à Sociedade Psicanalítica Internacional (IPA) desde 1963. A IPA, entidade psicanalítica maior, foi fundada por Freud e colaboradores no intuito de congregarem os profissionais em torno do estudo teórico e em prol da prática clínica adequada. Ao preparar promotores de saúde mental, a Sociedade Psicanalítica preocupa-se com a qualificação de seus membros, que implica uma formação

Conheça mais sobre a SPPA, os seus membros e a psicanálise visitando a homepage: [www.sppa.org.br](http://www.sppa.org.br).

## Memórias e a história da SPPA

### São as diferentes histórias pessoais e institucionais que dão sentido a diferentes formas de ser e agir no mundo

Através da psicanálise memórias esquecidas ou reprimidas podem ser revividas e compreendidas. Como registro de experiências individuais, as memórias são sustentadas pela subjetividade de cada um e se articulam no psiquismo de vários modos, relacionadas à imaginação, aos sonhos, aos sintomas, fazendo parte também da construção do desejo.

Na interface com o tempo as memórias constroem histórias que são marcadas por ocorrências singulares. As histórias, tanto individuais como institucionais, funcionam como pontos de referência, sinalizam os trajetos percorridos, ajudam a compreender o presente e a projetar o futuro.

Em 2013 a SPPA completará 50 anos de existência e para comemorar essa data será lançado um livro sobre a história da Sociedade. Nele será resgatado o trajeto percorrido pelos fundadores da SPPA, seu interesse pela psicanálise, a nova disciplina na época, geradora de muita curiosidade, bem como, a evolução da instituição até os dias de hoje.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como foi de fato, nos diz Walter Benjamin, as histórias podem sempre ser mais ou menos impregnadas pela perspectiva de quem as conta. Isso implica responsabilidade na transmissão de qualquer história e na consciência do cuidado com a reconstrução do passado, pois ele se amplia como referência para o futuro.

Para que o tempo não apague nossas memórias, e junto com elas a postura inovadora dos nossos pioneiros e fundadores, contamos

constituída através de seminários teóricos, prática clínica supervisionada e análise pessoal do profissional.

A psicanálise é um método de tratamento – e de investigação – das afecções mentais e parte do princípio de que o estado emocional dos indivíduos e seu comportamento derivam de forças mentais inconscientes. Angústias ou outras formas de sofrimento psíquico podem ocasionar importantes prejuízos pessoais, interpessoais e profissionais, para os quais o tratamento psicanalítico tem sua eficácia comprovada. A abordagem psicanalítica também possibilita uma ampliação da capacidade mental e emocional do indivíduo, assim como uma modificação de padrões de comportamento repetitivos que levam a um prejuízo de sua qualidade de vida. Os profissionais da SPPA atendem a adultos, adolescentes e crianças.



Angela Mynarski Plass\*



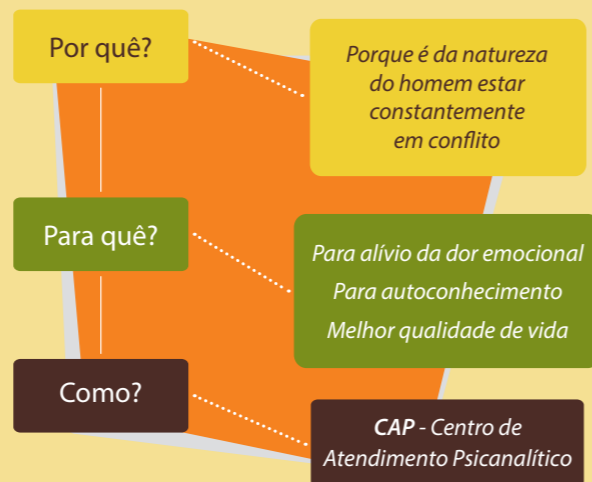
essa história, na intenção de mantermos o espírito que caracterizou a SPPA desde seu início, a abertura ao novo e a capacidade criativa de construir o presente.

\*Psicanalista Membro da SPPA, coordenadora da Comissão de Memória

# Tratamento Psicanalítico

O Centro de Atendimento Psicanalítico do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (CAP) oferece um serviço para tratamento psicanalítico, em consultórios privados, destinado a pessoas adultas, adolescentes e crianças da comunidade que não dispõem dos recursos econômicos habituais para este tipo de atendimento. Aqueles que buscam o CAP e tiverem indicação para psicanálise serão atendidos por profissionais capacitados. O tratamento é realizado com frequência de 3 a 4 sessões semanais, com honorários acessíveis, após a avaliação inicial. Durante o período de avaliação, cada sessão terá o custo de R\$ 50,00 e as demais combinadas diretamente com cada psicanalista.

Para informações e inscrições entrar em contato com a secretária Margareth, de segunda a sexta-feira, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, pelo telefone 3224-3340, a partir das 14h, para agendar o preenchimento do cadastro, ou pelo e-mail: instituto@sppa.org.br.



# Revista de Psicanálise

Mais um ano de intenso trabalho na Revista de Psicanálise e 2012 vai encerrando-se com retornos que estimulam e incentivam seus responsáveis a manter a qualificação conquistada ao longo dos quase 20 anos de existência.

Neste período percebeu-se um interesse crescente na assinatura e compra da revista, comercializada com êxito total no Congresso da FEPAL em outubro.

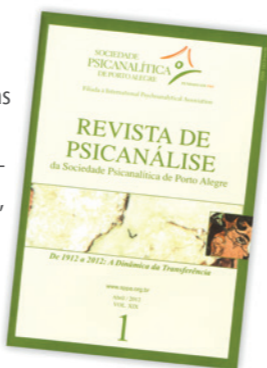
Previsto para ser lançada antes do Natal, o número 2/2012, Desamparo, está em fase de editoração. Neste número haverá uma importante participação dos profissionais da SPPA, contribuindo para que a Revista cumpra com sua função no sentido de transmitir o pensamento psicanalítico estudado e desenvolvido localmente, além de refletir o que se passa no mundo da psicanálise fora das fronteiras.

Outro evento importante foi o XV Ciclo da Revista que acontece tradicionalmente na Feira do Livro, parceria de longa data com a Câmara Rio-grandense do Livro. Neste ano, os homenageados foram Jorge Amado através de uma mesa de reflexão sobre Capitães de Areia, atividade da Revista vinculada ao NIA e Carlos Drummond de Andrade num sarau no

qual suas poesias foram declamadas, algumas cantadas e sua vida comentada.

O Ciclo da Revista, com atividades preparadas especialmente para o público leigo, cumpre com outra função da Revista, qual seja difundir a psicanálise além dos consultórios e encontros científicos, propiciando uma interessante e rica integração com a comunidade, e, acima de tudo, manter sempre viva a profícua ligação entre a psicanálise e a literatura.

Em 2013, para comemorar os 20 anos da Revista e os 50 anos da SPPA, a ideia é fazer uma edição especial sobre Psicanálise e Cultura, para lançar na Feira do Livro. A intenção é divulgar as atividades relacionadas com cinema, teatro, literatura, arte e música desenvolvidas por profissionais da SPPA na comunidade. Fica o convite aos associados da SPPA para que participem desta edição especial.



## Quer assinar a revista?

Assinatura anual (3 números): 75,00

Números avulsos:

1994 a 2001: R\$ 20,00 p/ exemplar  
2002 em diante: R\$ 30,00 p/exemplar

Promoção para alunos dos cursos de psicoterapia de orientação psicanalítica

1994 a 2001: R\$ 10,00 p/ exemplar  
2002 até 2009: R\$ 20,00 p/exemplar  
2010 em diante: R\$ 30,00 p/exemplar

Consulte artigos/autores no site

www.sppa.org.br/new/revista.php

Formas de pagamento

- CHEQUE NOMINAL  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre  
Rua Andrade Neves, 14/802 - 90010-020  
Porto Alegre, RS - (51) 3228-7583 e 3224-3340
- DADOS BANCÁRIOS  
Santander - Banco 033 - Agência 1480

Conta corrente 130006562  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre  
CNPJ: 92.911.304/0003-90

Solicitamos o envio do comprovante de depósito por um dos meios:

E-mail: revista@sppa.org.br - Fax: (51) 3224-3340  
Correio: Rua Andrade Neves, 14/802 90010-020  
Porto Alegre, RS

# Fórum IPSO, OCAL e ABC reúne representações de candidatos

A Associação de Candidatos da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (AC da SPPA) realizou no dia 15 de setembro, o Fórum IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization), OCAL (Organização Latino Americana de Candidatos) e ABC (Associação Brasileira de Candidatos). A atividade teve por objetivo integrar as diferentes representações de candidatos de âmbito internacional, latino-americano, nacional e estadual, bem como conhecer, comentar e debater as questões referentes à formação psicanalítica.



Participaram as candidatas Sílvia Pupo, vice-presidente para a América Latina da IPSO; Rita Mello, presidente da OCAL; Deise Comparin e Thalita Gabínio – representantes da ABC. Em nível estadual, estiveram presentes as representantes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Christiane Paixão e Eduardo Méndez da Sociedade Psicanalítica de Pelotas. A divulgação de experiências de intercâmbio em psicanálise através do VCP – Visiting Candidate Program –, foi outro momento de interesse dos participantes. Também foi realizada uma mesa para apresentação de material clínico que foi comentado por colegas de diferentes sociedades.

**ERRAMOS:** Na última edição do jornal foram observadas incorreções na matéria intitulada "Associação de Candidatos realiza Simpósio". A informação correta é: "foram dadas as boas vindas aos 10 novos candidatos". A presidente da Associação de Candidatos, à época, era a Dra. Nyvia Sousa.

# SPPA prepara Ciclo de Estudos sobre Teoria Psicanalítica 2013

Em março de 2013, a SPPA abrirá inscrições para acadêmicos e profissionais de Psicologia e Medicina que tenham interesse em estudos sobre teoria psicanalítica. A proposta segue sendo de 12 encontros a cada semestre, numa frequência semanal, de abril a junho.

No segundo semestre de 2012, foram constituídos os grupos: "Estudos sobre a Adolescência na Atualidade" com a coordenação de Gisha Brodacz e Rui Annes; "Casos Clínicos de Freud" com a coordenação de Cátia Mello e "O pensamento de Klein: alguns desenvolvimentos", coordenado por Paulo Oscar Teitelbaum.

O Ciclo de Estudos de Teoria Psicanalítica existe há cerca de sete anos. Nele é oferecido um espaço para quem deseja entrar em contato com a teoria psicanalítica ou àqueles que querem seguir estudando a obra de algum autor, ou algum outro tema como transgeracionalidade, psicopatologia, desenvolvimento infantil e adolescência.

"Tem sido um espaço bastante procurado pelo público psi e médico. Os comentários nas avaliações dos integrantes costumam destacar a excelência do aprendizado, das instalações físicas e do clima receptivo que existe na SPPA", observa Marli Bergel, psicanalista e coordenadora do Ciclo.

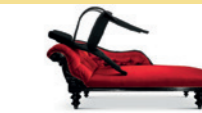
Os temas para o primeiro semestre de 2013 serão ainda definidos e se encontrarão no site www.sppa.org.br, a partir de março. Os interessados podem se inscrever pelo fone (51) 3224.3340.

# Fepal debate a tradição-invenção na psicanálise

A indagação sobre o papel da psicanálise em um mundo globalizado e cada vez mais dominado por relações virtuais foi um dos principais eixos de discussão do 29º Congresso Latino-Americano de Psicanálise, que após pouco mais de 20 anos voltou a ser realizado em São Paulo e, este ano, aconteceu entre 10 e 13 de outubro. Cerca de dois mil participantes, vindos de diversos países, estiveram presentes em intenso processo de troca de ideias, aprendizagem e construção de conhecimento.

A oferta de múltiplos espaços de discussão, com debates si-

multâneos, constituiu um todo repleto de oportunidades. A partir dessa diversidade de temas, autores e diferentes perspectivas, cada um dos participantes pode montar o seu programa pessoal, sem deixar de incluir tempo para visitar e consumir as alternativas de arte e cultura disponíveis na cidade. O eixo temático do congresso, Invenção – Tradição, acolheu tanto estudos relativos ao conhecimento psicanalítico estabelecido – muitos trabalhos de Freud completam cem anos – como também estimulou o pensar sobre o futuro.



29º CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICANÁLISE

INVENÇÃO - TRADIÇÃO  
10 A 13 DE OUTUBRO DE 2012 - SHERATON WTC  
CONVENTION CENTER - SÃO PAULO / BRASIL  
FEDERAÇÃO PSICANALÍTICA DA AMÉRICA LATINA

# Pioneiros da Psicanálise

## Fundadores da SPPA relembram os primeiros passos da instituição

Em 2013, a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre fará 50 anos. É a mais antiga do Estado e, por isso mesmo, traz na sua essência a história da psicanálise gaúcha. Para contar essa história, ninguém melhor que os seus criadores e primeiros presidentes. Nesta edição, o Jornal da SPPA partilhará um pouco das memórias dos ex-presidentes Germano Vollmer Filho, Isaac Pechansky e Romualdo Romanowski.

### SPPA | Como o senhor percebe os 50 anos de caminhada de nossa Sociedade?

*Germano Vollmer Filho* - Houve um desenvolvimento grande e importante, principalmente se levarmos em conta como começou. Éramos um pequeno grupo com dificuldades e tivemos muito trabalho para estabelecer a psicanálise no RS. Estou falando do final da década de 50, início dos anos 60, antes do reconhecimento da Sociedade como grupo de estudos. Éramos o Luís Carlos Meneghini, o Sérgio Paulo Annes, o Leão Knijnik, o Manuel Albuquerque, o Fernando Guedes e eu. Nossos professores eram o Mário Martins, o José Jaime Lemmert, o Celestino Prunes e o Cyro Martins e, além deles, Roberto Ribeiro, Paulo Guedes, David Zimmermann, Gunther Würth e José Maria Santiago Wagner. Este foi o primeiro grupo extraoficial, que fazia seminários numa sala do edifício do relógio, ali na Praça da Alfândega. Fazíamos reuniões nas segundas e terças e, em uma noite, se discutiam casos clínicos apresentados pelos mais experientes. A teoria era baseada no programa da APA, Associação Psicanalítica Argentina. Também começamos a divulgar a psicanálise, através de conferências no clube de cultura, na AMRIGS, enfim, onde houvesse oportunidade. Éramos quase todos psiquiatras e participávamos da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria. Junto à Faculdade de Medicina, promovíamos a vinda de analistas argentinos. Este foi o momento mais importante para estabelecer e sedimentar a psicanálise. Quando fomos reconhecidos como uma Sociedade legalmente constituída, em 1963, as coisas se tornaram mais fáceis.

*Isaac Pechansky* - Meu olhar sobre a nossa história de 50 anos se detém sobre aqueles momentos iniciais de minha própria formação, que começou no ano de 1960. Acompanhei essa caminhada, e pude, assim, participar de número crescente de acontecimentos gratificantes, mas com todas as vicissitudes naturais de uma instituição em desenvolvimento. Fomos crescendo em número e qualidade, procurando sempre manter o nível de ensinamento inspirado na obra de Freud. A psicanálise evoluiu no mundo inteiro, à medida que novos autores foram introduzindo suas ideias na teoria e na prática psicanalítica. Nossa Sociedade, dentro de suas limitações, e

não de forma precipitada, foi incluindo no seu currículo e seminários esses novos conhecimentos sem, contudo, se afastar daquilo que de mais básico Freud nos legou. Como era de se esperar, estatutos foram modificados, regulamentos foram ampliados, mas a manutenção dos princípios éticos permaneceu como baluarte da SPPA, desde sempre. Na manutenção desses princípios, tivemos de atravessar situações difíceis e complexas, mas que sempre foram superadas.

*Romualdo Romanowski* - Considerando o adágio que reza: *Quem muito abarca, pouco aperta...*, tento sintetizar: a meu ver, o que caracteriza estes 50 anos é uma coerência ética a par de uma aceitação de adaptações, mesmo que aparentemente lentas, às variações da realidade social e psicanalítica.

### SPPA | Algum fato que o sr. considera significativo na sua trajetória junto à SPPA?

*Vollmer* - Lembro especialmente de quando fui convidado para ser membro de comissões na IPA, quando fui relator do tema oficial em Hamburgo. Também fui convidado para ser presidente do congresso de didatas pela APdeBA, Associação Psicanalítica de Buenos Aires, devido à nossa identificação com a Argentina, que era muito maior do que com o resto do Brasil. Quem me indicou foi o Horácio Etchegoyen, com quem eu também sempre tive muita ligação. Outro fato marcante foi em 1963, quando a Sociedade Psicanalítica foi reconhecida como sociedade. Aos sábados, nós costumávamos fazer supervisão com o Mário Martins. Num desses encontros ocorreu algo inédito: a Zaira, esposa do Mário, entrou na sala dizendo que havia chegado um telegrama comunicando que tínhamos sido reconhecidos. Naquela noite fomos jantar em um restaurante especial para comemorar.

*Pechansky* - Para mim, não foram poucos os momentos significativos dessa trajetória: congressos, jornadas, participação na comunidade, visitas de colegas ilustres e autores consagrados, publicações, participação nos órgãos da IPA chegando até à sua Presidência. Tudo



Germano Vollmer Filho



Isaac Pechansky



Romualdo Romanowski

isso deve ser registrado como fatos e acontecimentos marcantes que ainda salientam a importância da SPPA na comunidade psicanalítica internacional. Registro três fatos que marcaram essa trajetória. Primeiro foi o meu ingresso nos seminários do Instituto, seis meses após o início de minha análise pessoal com Mário Martins, o introdutor da psicanálise em nosso meio. Em segundo, o nosso reconhecimento como Sociedade Psicanalítica, em 1963, no Congresso Psicanalítico Internacional de Estocolmo. Estamos completando 50 anos de existência oficial, é crescente o número de interessados na formação psicanalítica em nossa entidade, e somos reconhecidos no mundo científico da IPA. E o terceiro acontecimento marcante foi a reforma dos estatutos em 1989, a fim de admitir psicólogos para formação psicanalítica.

*Romanowski* - Não vou fugir à pergunta e à tentativa de uma resposta, porém é arriscado salientar-se um fato como o mais significativo. Priorizar apenas um dos fatos iria contra a nossa própria teoria que nos ensina ser, algo, o resultado de vários algos, alguns detectáveis, diversos supostos, e tantos outros mais, irremediavelmente destinados a permanecerem desconhecidos. Em sua época, o que hoje pode parecer destituído de impacto, teve repercussões difíceis de reproduzir, especialmente para quem não esteve envolvido nos episódios. O depoimento, óbvio, só consegue salientar de forma subjetiva o que me parece ainda significativo. A emoção de ser aceito para iniciar a formação analítica não pode ser esquecida. A publicação de "Estudos Psicanalíticos", parceria com Roberto Pinto Ribeiro, Sérgio Annes, Luís Carlos Meneghini e Germano Vollmer Filho, o primeiro livro totalmente psicanalítico na SPPA, é carinhosamente recordada. Anos após, já concomitantemente presidente da SPPA e da ABP (hoje FEBRAPS), são inesquecíveis momentos a compra e reforma de mais um imóvel para nossa sede, quando voltávamos a patrocinar um Congresso Nacional. Mais recentemente, a participação, como chair e/ou membro dos IPA Sponsoring Committees, responsável pela organização e reconhecimento de novas Sociedades Psicanalíticas na Colômbia, Argentina e duas no México, dão uma sensação de criatividade e prosseguimento. Entretanto, se tiver que afirmar mesmo o mais significativo, isto se cristaliza nas amizades, em todas as gerações, que

consegui nesta família conhecida como SPPA, e que também me proporcionou laços afetivos noutras paragens.

### SPPA | Olhando para o passado e a sua experiência, como imagina o futuro da Sociedade Psicanalítica?

*Vollmer* - É difícil pensar no futuro, porque olhando para o passado, ninguém imaginaria, naquele início, como seria o futuro. Baseando-me pelo passado, eu vejo um perigo: que havendo um afrouxamento das exigências em relação ao método, como eu acho que está ocorrendo em muitos lugares, ela vá começar a se diluir e a se confundir com outras formas de tratamento que utilizam até conhecimentos e conceitos psicanalíticos, mas não são psicanálise. Eu acho que isso é o determinante de todas as crises não só em geral, como nas Sociedades em particular, elas chegam num ponto que começam a se dividir e começam a se diluir em diversas seitas que inicialmente eram só teóricas. Acredito sim que há crise na psicanálise e isso acontece em várias partes. Nos Estados Unidos, por exemplo, as formações analíticas já se diluíram em muitas áreas. Não precisa ser mais nem psiquiatra, nem psicólogo para fazer a formação. Vejo que se está tendo menos cuidado com a qualidade do que com a quantidade. No passado, todos que faziam a formação em psiquiatria, tinham o objetivo da formação analítica. Depois, com o advento dos psicofármacos, ficou muito mais fácil fazer o curso de psicofármacos do que fazer um curso de formação analítica. Creio que o desafio para nossa Sociedade, enquanto instituição representativa da Psicanálise, é conseguir manter sua essência, não se deixar seduzir pela tentação das "vias curtas" e não deixar de confiar no método.

*Pechansky* - O meu olhar para o futuro de nossa Sociedade é de otimismo, acompanhando o desenvolvimento da Psicanálise com multiplicação de núcleos e de Sociedades psicanalíticas mundo afora.

*Romanowski* - Procurarei não cair no historicismo, isto é, na tentativa de prever o futuro tendo o passado como base única, erro que marcou a teoria maltusiana. Se não surgirem situações imprevisíveis, se forem preservadas a coerência intelectual, ética e afetiva até hoje predominantes, sou otimista e julgo que a SPPA reafirmará seu status, continuando ponto de referência para os que desejam pensar, estudar e agir psicanaliticamente.

## A história da SPPA no Congresso de Psicanálise de Línguas Francesas

O Congresso de Psicanálise de Línguas Francesas (CPLF) foi criado em 1926, por psicanalistas suíços e franceses, antes mesmo da criação oficial da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Hoje, além da SPP, existem doze Sociedades Componentes, entre elas APF, de Madri, a Israelense, a Italiana, e desde 2009, a SPPA, a do Rio de Janeiro (Rio 2), e a de São Paulo passaram a fazer parte deste grupo.

A cada ano há um tema previamente escolhido e dois psicanalistas-relatores para o tema, que estarão presentes à mesa durante todo o Congresso. A SPPA já esteve presente em vários debates, introduzindo discussões, participando de mesas e assistindo importantes discussões psicanalíticas entre nomes de destaque da psicanálise contemporânea, como Janine Chassegue-Smirgel, André Green, Michel de M'Uzan, Paul Denis, René Roussillon e Daniel Widlocher, entre outros.

A SPPA, como todas as demais Sociedades Componentes, organiza os grupos de estudos preparatórios ao CPLF, sendo que o primeiro foi em 2005. A história da SPPA com o CPLF inicia com a primeira participação da psicanalista Luciane Falcão no Congresso em Lion, em 2003. "Segui participando nos anos seguintes e já em 2006, para o CPLF de Lisboa, o comitê científico me solicitou, junto a Roberto Cunha, da SPP, a tradução para o português do relatório de Bernard Brusset (Metapsicologia do Vínculo e Terceira Tópica), fato esse raríssimo num CPLF. O nome da SPPA aparece então, pela primeira vez, no programa do CPLF: *'avec le concours de la SPPA'*", relembra Luciane.

Nos anos seguintes, aumentou o número de colegas interessados nos Grupos de Estudos. A presença científica da SPPA também tem feito seus registros no CPLF nestes últimos anos. Além de Claudio Eizirik, participando de várias aberturas do CPLF, como presidente da IPA, estiveram presentes em mesas-redondas e ateliês Luciane Falcão, Sérgio e Alice Lewkowicz

Esse ano, o CPLF ocorreu na Espanha, em Bilbao, com o tema "O (s) Édipos". Os relatores Albert Louppe, da SPP e Isabel Usobiaga, da Sociedade Psicanalítica de Madrid trouxeram argumentos para uma discussão clínica que permitiriam refletir, também, sobre como se estruturariam "O (s) Édipos" nas novas parentalidades, os novos modos de concepção e a evolução das formas sociais da sexualidade. Em Bilbao, a SPPA participou do atelier "Surgimento do Supereu nas análises infantis", através do NIA com a psicanalista Rose Starosta, destacando a discussão, a partir de casos clínicos, da reflexão sobre como o outro - o psicanalista - surge nos tratamentos psicanalíticos com crianças, bem como a possibilidade de estruturação de um Supereu protetor e benevolente a partir do relacionamento terapêutico.

O próximo CPLF em Paris, em maio de 2013, terá os relatórios apresentados por C. Delourmel - "Da função do pai ao princípio paterno" - e por F. Vila - "O pai: uma herança arcaica?". Os Grupos de Estudos preparatórios já estão ocorrendo e, mais uma vez, a SPPA está presente no programa científico do Congresso.



## SPPA na 58ª Feira do Livro da Capital

A SPPA marcou presença mais uma vez na Feira do Livro de Porto Alegre. Em conjunto com a Câmara Rio-grandense do Livro, promoveu o Ciclo da Revista de Psicanálise, evento já tradicional, que está na 15ª edição. Neste ano, foram organizadas duas atividades sobre temas atuais e que atraíram o público.

No dia 27 de novembro, no Memorial do RS, aconteceu uma mesa redonda sobre o romance Capitães de Areia, em homenagem aos cem anos de Jorge Amado. Foi uma oportunidade para revisitar os personagens desta obra, com ênfase especial na questão do abandono e da difícil situação dos meninos de rua. Participaram da atividade Jane Tutikian (escritora e professora de literatura), Carmem Craidy (doutora em educação) e Maria Lucrecia Zavaschi (psicanalista da SPPA). A coordenação ficou a cargo do psicanalista Rui Annes.

Já no dia 31 de novembro foi a vez do Sarau poético-musical em



Atividade da Feira homenageou a obra de Jorge Amado

homenagem aos 110 anos de Carlos Drummond de Andrade. Cláudio Laks Eizirik e a professora de literatura Maria do Carmo Campos explanaram a respeito da poesia drummondiana, apontando os constantes temas família-terra-infância-morte-tempo de sua poesia, considerando o poeta como um expoente dentro da literatura brasileira e universal. O belíssimo recital poético-musical ficou a cargo de Denise Vivian Lahude, com o acompanhamento de Eduardo Fetter ao violão. O evento, coordenado por Karem Cainelli, da SPPA, aconteceu na Tenda da Pasárgada da Praça da Alfândega, com grande afluência de público.

## O uso das redes na infância e adolescência

A internet revolucionou as nossas vidas. Isto é um fato inquestionável. Entramos numa nova era onde a comunicação ficou globalizada. Hoje não há quem desconheça completamente ferramentas essenciais como o e-mail ou os sites de pesquisa na Internet, cujo mais conhecido é o Google, que de tanta popularidade tornou-se um novo vocábulo em nossa língua - o "googlar".

Mais recentemente uma nova onda tem sacudido nossos tempos. São as chamadas redes sociais. O MSN, o Orkut e, mais recentemente, o Twitter e o Facebook tornaram-se instrumentos de integração entre as pessoas. O Facebook, por exemplo, criado por um jovem estudante de Harvard, já virou até filme e reúne uma população em torno de um bilhão de usuários. Estamos diante de uma nova realidade mundial e temos que refletir um pouco sobre os benefícios e malefícios destas redes sociais em nossa sociedade e em nossa cultura, particularmente entre crianças e adolescentes, pois são jovens e, muitas vezes, carecem de uma maior capacidade discriminativa do que é bom e do que não é.

Falar dos benefícios das redes sociais não é muito difícil. Quem já não se vislumbrou ao encontrar um antigo amigo que já estava perdido de nossas vidas, algumas vezes até mesmo de nossas próprias lembranças? Quem discorda da facilidade com que uma rede social aproxima pessoas muitas vezes distantes milhares de quilômetros? Podemos enxergar e falar por um longo tempo com nossos filhos (ou pais) através do Skype, estando eles em qualquer lugar do mundo, a um preço que antes seria proibitivo. Organizamos uma festa ou evento, em um só

toque. Podemos postar imagens, pensamentos e "curtir" as coisas que os outros postam. Temos acesso a uma gama quase infinita de informações a nosso dispor, independente da nossa área de atuação. Na virada do milênio, ficamos com medo de um crash mundial, em função de uma pane que poderia afetar nossos computadores. Será que teria ocorrido a Primavera Árabe sem as redes sociais? Ou seja, querendo ou não, as nossas vidas já estão inexoravelmente vinculadas à internet e, algumas vezes, às redes sociais.

Isto todo mundo já sabe. O que quero trazer à tona é outro ponto, que muitas vezes pode nos passar despercebido - o uso da internet, em particular das redes sociais, para a não vida, para o não ver. O mal é mais perigoso quando não o enxergamos. Quando opera no escuro, disfarçado de bem. Vou trazer como exemplo uma situação, propositalmente modificada, que presenciei a alguns anos, que talvez facilite o entendimento do que estou tentando dizer. Tratava-se de um jovem adolescente com muita dificuldade para interação social. Trazia sempre o peso de não ter amigos com quem compartilhar seus

finais de semana. Queria muito ser olhado e valorizado por seus colegas de aula e vizinhos do bairro. Já vinha pensando na necessidade dele poder se expor mais e enfrentar as situações que lhe deixavam muito assustado. Só desta forma a fantasia de ter amigos poderia ser substituída pela realidade de ter amigos. Chegou a fazer pequenas amizades, mas com o tempo não deu continuidade. Ingressou numa rede social. No início achamos que seria uma saída bem interessante e uma chance para que pudesse sair mais da concha em que vivia. Passado um tempo, continuava sozinho, sem ter ninguém com quem contar, mas agora com uma diferença - já não procurava tanto os poucos amigos de verdade que havia conhecido. Numa ocasião resolvi confrontá-lo com esta situação de isolamento e ele saiu com a seguinte resposta defensiva: "Tenho mais de duzentos contatos



Emílio Salle \*

no MSN". Desta forma negava a reconhecida necessidade de sair de seu mundo narcísico. Eu lhe perguntei: "quantos destes contatos tu já viste pessoalmente?" E ele respondeu: "nenhum, mas não importa". Pensei: quantos contatos fazem um amigo?

O exemplo que trago aqui, retirado de uma infinidade de outras situações semelhantes, é útil para tentar mostrar um dos tantos perigos que um mau uso da internet, em particular de uma rede social, pode trazer a um jovem. Na medida em que trocamos o real pelo virtual, que valorizamos mais a quantidade do que a qualidade, onde o que importa é o parecer ser e não o ser de

fato, talvez se esteja incorrendo em um erro que pode trazer consequências desastrosas: o uso de uma rede social para não socializar ou, mais precisamente, trocar a realidade por um mundo imaginário, retardando, por consequência, o nosso desenvolvimento, a nossa real capacidade de socializar, e um maior reconhecimento de nossos problemas. Sabemos, desde a época de Freud, dos perigos existentes quando optamos por usar a negação e a onipotência como anteparos às angústias e sentimentos relacionados às nossas dificuldades, em vez de tentarmos, de forma mais humilde e verdadeira, enfrentar e resolver nossos problemas.

Em resumo, não quero aqui negar a inegável importância que a internet e suas ferramentas desempenham em nossas vidas, ainda mais na vida de crianças e adolescentes que hoje já nascem imersos em tecnologias, mas apenas chamar a atenção que, independente destes grandes benefícios, temos que estar atentos para a forma como nossos jovens utilizarão a rede.

\*Psiquiatra, membro da SPPA

**Na medida em que trocamos o real pelo virtual, talvez se esteja incorrendo em um erro que pode trazer consequências desastrosas: trocar a realidade por um mundo imaginário, retardando o nosso desenvolvimento, a real capacidade de socializar e o reconhecimento de nossos problemas.**



# SIMONE do virtual ao real

“*SimOne (SIMulation One-Simone)*”, conta a história de Viktor, um diretor de cinema interpretado por Al Pacino, que há muito tempo não consegue fazer um filme de sucesso. Abandonado pela estrela principal de seu filme, é demitido pela produção. Desesperado, lança mão de um avançado programa simulador e, secretamente, cria a atriz de seus sonhos, Simone, e conclui o filme que estava fazendo. Para espanto de todos, Simone torna-se um verdadeiro fenômeno de público. A imprensa quer entrevistá-lo, segue os passos do diretor para desvendar o mistério da nova mega star. Todos querem filmar com ele. O sucesso é estrondoso, mas sua vida fica totalmente tumultuada. Agora, o criador quer livrar-se da criatura, mas descobriu que deu vida a uma mulher tão perfeita que não pode simplesmente destruí-la.

O nome do filme, Simone, é derivado de SIMulation One (simulação nº 1) um programa criado por um pesquisador digital. Foi realizado em 2002 por Adrew Niccol e passou despercebido entre nós. Nele encontramos diálogos entre o diretor de cinema (Viktor) e sua filha adolescente, que revelam sua preocupação por esta passar muito tempo com seu laptop, conversar em chats e ter poucos amigos com quem sair. Viktor está separado da esposa, que era produtora de cinema e o deixou para casar com um milionário mais jovem e mais bonito. Seus encontros são profissionais e ela nitidamente o deprecia por seu fracasso. A filha, porém, mantém-se próxima e acredita nele.

O cinema e a psicanálise nasceram na mesma época e foram um marco do século XX. O cinema é reconhecido como um duplo espelho que tanto reflete o mundo e os acontecimentos de sua época quanto se constitui em engrenagem construtiva dos fatos e comportamentos, no dizer de Fonseca. Esta é uma ideia que se aplica, sem dúvida, a este filme. Viktor está decepcionado com as mulheres de carne e osso, as atrizes superficiais, cheias de exigências fúteis, mimadas, assim como sua esposa. Entrega-se à criação de uma atriz perfeita, digitalizada a partir de uma composição de várias grandes atrizes do passado. Terá então sua autonomia, não dependendo mais de ninguém para fazer seus filmes. Sua própria voz é transformada e passa a ser a voz desta atriz virtual, que é apresentada como real.

Alguma semelhança com a descrição dos deuses gregos do passado? Apolo, deus da beleza, da perfeição, da harmonia, entre outros atributos, mas infeliz no amor. Segundo Nietzsche (1992), os dois deuses gregos das Artes, Apolo e Dionísio, um representando a arte figurada (imagem) e o outro a não figurada (música); impulsos diversos, discordantes, e deste embate surgindo, posteriormente, a tragédia. A bela aparência do mundo sonhado sendo a característica de Apolo.

No filme, a imagem virtual da atriz ideal responde ao diretor: “eu sou a morte do real”. E assim, chegamos ao mundo atual, 2012, onde estamos imersos cada vez mais em mundos e relações virtuais. Seria o fim do real?

Ser contra a virtualidade é absurdo e ingênuo nos diz Levy (2011), ela é uma forma revolucionária de representação criada pelo homem

e que trouxe e trará inúmeros benefícios à humanidade. A tecnologia foi criada pelo homem para dominar a natureza e facilitar a vida na Terra, mas seu uso muitas vezes se fez para exercer o domínio sobre outros homens, países, nações e, agora, mentes...

Além dos neurocientistas que se preocupam com problemas cognitivos gerados pelo uso excessivo dos games e redes sociais, também os psicanalistas têm estudado este tema. Moreno, na Argentina, diz que, muitas vezes, o virtual pretende anular o espaço que existe entre o objeto e sua representação, tornando-se um simulacro do real, pretendendo ser o objeto e não representá-lo. O filme expõe bem esta questão. A crença na existência real desta atriz digital perfeita é tanta que para sua exibição e comprovação reúne-se uma multidão num estádio que assiste uma projeção holográfica em 3D e entra em delírio. E, nesta época, sequer havia ainda tecnologia para isso, revelando o caráter visionário do cinema. É fácil enganar as massas que desejam ser enganadas, diz um dos personagens.

Levy salienta que o real é, por sua própria natureza, enigmático, estimulando a imaginação e a criatividade. O virtual é excessivamente real e impede a obscuridade necessária à especulação criativa. As relações virtuais privam o sujeito do olhar do outro de onde se origina o sentimento

de existir, de ser real, verdadeiro, provocando sentimentos de irrealidade e vazio existencial.

No final do filme, o diretor quase enlouquecido pela dimensão que adquiriu sua criatura, revela seu segredo à filha, mostrando-se vulnerável, abrindo mão da sua onipotência e da sua vida solitária. Com isso consegue recuperar suas relações familiares, a esposa e a filha, que apenas lhe exigem que seja verdadeiro.

A riqueza das relações íntimas é que cria as experiências emocionais que vão produzir o crescimento e o desenvolvimento da mente humana.

Não precisamos demonizar a tecnologia, mas temos de colocá-la a serviço do homem e da sua humanidade, sob pena de perdermos aquilo que caracteriza a mente humana, sua criatividade, sua individualidade, seu respeito pelo outro, no convívio com sua finitude e suas limitações.



Jussara S. Dal Zot\*

\*Psicanalista, membro da SPPA



# Einstein e Freud: por que a guerra?

Houve uma época que, por incrível que possa parecer, não havia e-mail. Nem Skype. Nem mensagens via celular. Quando as pessoas queriam se comunicar à distância, escreviam cartas. Freud mesmo foi um missivista prolífico. Sua correspondência está avaliada entre dez e quinze mil cartas. Em 1932, a então Liga das Nações (surgida ao fim da Primeira Guerra), através de um comitê voltado à literatura e às artes, passou a promover a troca de correspondência entre intelectuais conhecidos, para posterior divulgação. Quando Einstein foi convidado, sugeriu o nome de Freud para discutir o tema “por que a guerra?”. Jones, em sua biografia, diz que Freud não se entusiasmou com a tarefa, achando-a enfadonha e estéril. As cartas foram publicadas em 1933, em Paris, pelo Instituto Internacional para Cooperação Intelectual, da Liga das Nações.

Einstein justifica o exame da questão porque, com o avanço científico, “esse tema adquiriu significação de assunto de vida ou morte para a civilização, tal como a conhecemos; não obstante, apesar de todo o empenho demonstrado, todas as tentativas de solucioná-lo terminaram em lamentável fracasso”.

Na resposta à carta de Einstein, Freud apresenta, resumidamente, sua compreensão do processo civilizatório (ou cultural), assunto que, segundo Strachey, a partir de O futuro de uma ilusão (1927), se tornaria seu interesse principal pelo resto da vida.

Freud descreve “um caminho que se entendia da violência ao direito ou à lei” com a substituição gradual da força bruta, individual, pela superioridade coletiva e intelectual. Mostra como a autoridade de um só (na horda de Totem e Tabu) transforma-se na autoridade do grupo (a união de vários substitui a vontade de um). A comunidade se mantém pela união de interesses e pelo uso da força.

Assinala a existência dual dos instintos - de vida e de morte - e seu funcionamento amalgamado, fundido, de modo que “os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambos (...) e muito raramente uma ação é obra de um impulso instintual único (...)”. O instinto de morte torna-se instinto destrutivo quando dirigido para fora do sujeito: de certa forma, agredir o outro é salvar a si mesmo. A agressão, instintiva, é constituinte da condição humana. Como então evitar a guerra?

Uma alternativa, diz Freud, seria contrapor ao instinto destrutivo o seu antagonista, Eros. “Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra”. Mas a alternativa mais viável seria a civilizatória. Referindo-se ao processo que resultou na cultura, diz: “É a esse processo que devemos o melhor daquilo em que nos tornamos, bem como uma boa parte daquilo de que padecemos.” Por quê? Porque tal processo implicou no sacrifício da satisfação instintiva. Daí o mal estar do homem com a cultura. O homem é um selvagem civilizado à força. A repressão exercida sobre os instintos, inicialmente externa (tanto na história

da humanidade quanto na do indivíduo) torna-se internalizada, assimilada. Conclui sua carta dizendo que tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra. Mais civilização, menos guerra.

Temos, portanto, uma insolúvel contradição na condição humana: ao evoluir para um animal cultural, ganhando em adaptação e enriquecendo com o dom da consciência (a compreensão de si e do mundo), o homem sacrifica em boa medida um elemento intrínseco à condição do animal biológico: a satisfação instintiva. Trocamos satisfação instintiva por conhecimento/razão/ciência/arte. Provamos os frutos da Árvore do Bem e do Mal (a cultura/consciência) e fomos expulsos do Paraíso (a Mãe Natureza). Mas reprimir a vida instintiva não é eliminá-la. Os instintos, reprimidos, geram doença no indivíduo

e no grupo. Daí a neurose e a violência. Freud reconhece que a cultura não eliminou as guerras, mas parece acreditar que o avanço do processo civilizatório é o único caminho que nos resta. Como homem do século XIX, tinha a convicção de que a razão e sua filha, a ciência, pudessem triunfar.

Pouco tempo depois da troca de cartas entre Einstein e Freud, o mundo mergulhou em nova guerra, causando a maior destruição de vidas desde que nossa espécie existe. O conhecimento científico, incluído no que Freud chamou de processo civilizatório, contribuiu nessa guerra para instalar o extermínio em massa (nos campos de concentração, nas bombas atômicas sobre

o Japão, nos bombardeios sobre as cidades alemãs). E a partir do último quarto do século passado um novo tipo de guerra instala-se, o terrorismo, especializado no assassinato da população civil, isto é, inocente, por todo o globo. O 11 de setembro das Torres Gêmeas é seu paradigma. Hobsbawm diz que o século XX foi o mais mortífero de toda a história documentada, tendo suas guerras levado à morte 187 milhões de pessoas.

A ciência, Freud sabia, não é boa nem má. Tanto pode servir aos impulsos amorosos quanto aos destrutivos. No mundo virtual de hoje, as redes sociais que organizam protestos contra governos corruptos são as mesmas que articulam a violência das torcidas nos estádios. Com a mesma facilidade que se acessa na internet informações que podem salvar vidas também acessamos informações sobre como montar explosivos ou obter fotos de pedofilia.

Talvez Freud esteja certo: a única coisa que podemos fazer é esperar que a razão, dentro do processo civilizatório, um dia triunfe. “A primazia do intelecto”, diz ele, em O futuro de uma ilusão “jaz, é verdade, num futuro muito distante mas, provavelmente, não num futuro infinitamente distante.” Só nos resta esperar...



Manuel Pires dos Santos\*

\*Psicanalista, membro da SPPA



## Lya Luft

### Uma conversa sobre experiência criativa

No mês de outubro, a AC da SPPA, em conjunto com o Instituto de Psicanálise, realizou a quinta edição da atividade Uma Conversa sobre a Experiência Criativa que, desta vez, contou com a presença da escritora, colunista e tradutora Lya Luft.

Em um clima de diálogo descontraído, a autora falou sobre suas experiências criativas. A satisfação na criação literária, os sentimentos de alegria ao invés de dor, as vivências infantis, o humor, o brincar com personagens e enredos e a liberdade para óticas de reflexão própria, foram alguns dos aspectos abordados e discutidos no encontro com a escritora.

## Psicanalítica em Cena discute criações teatrais

Em parceria com a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), o Porto Alegre em Cena – Festival Internacional de Artes Cênicas – apresentou um novo segmento em sua programação: o ciclo Psicanalítica em Cena. Debates realizados após as apresentações dos espetáculos selecionados reuniram integrantes das equipes e psicanalistas especialmente convidados para refletirem e analisarem o material dramático dessas montagens.

O ciclo foi constituído por cinco espetáculos cuja origem é a literatura, característica cada vez mais presente na criação cênica contemporânea. Trata-se da encenação teatral se apropriando de material não escrito diretamente para o palco, fator que permite o diálogo entre linguagens que expandem as fronteiras e os conceitos da criação dramática. Atores, diretores e psicanalistas conversaram com o público, a partir de montagens originadas em clássicos da literatura nacional e internacional. A revolução da dramaturgia e da linguagem cênica e os grandes temas constitutivos do homem e da sociedade foram o rico material do Psicanalítica em Cena.

A avaliação dos resultados desse primeiro evento não poderia ter sido melhor. Nos debates, o público, psicanalistas, diretores e atores, trocaram ideias, falaram sobre as emoções, as intenções explícitas ou escondidas dos textos dramatizados. No encontro, no palco ainda imantado pela linguagem do teatro, construiu-se um conversar, em livre associação, a partir dos múltiplos vértices oferecidos em cada espetáculo. Se a estreia foi tão marcante, vida longa ao Psicanalítica em Cena.



\* Luciano Alabarse

\*Coordenador do Porto Alegre em Cena

## Em 2013 mantenha as datas reservadas em sua agenda!

### • Jan Abram

Está prevista a vinda da psicanalista inglesa Jan Abram na primeira semana de abril. Psicanalista inglesa, ex-diretora da Squiggle Foundation, Jan é uma estudiosa da obra de Winnicott e profunda conhecedora da mesma. Atualmente tem demonstrado grande interesse sobre o tema da sobrevivência psíquica. Seu último livro publicado é Donald Winnicott Today.

### • Quinta Conceitual

Um encontro por semestre

### • Quinta Científica

Primeira quinta do mês a partir de abril

### • Café Literário

Sempre na segunda terça-feira de cada mês

### • Cine Divã

No último sábado de cada mês, de março a novembro



## Sarau de Poesias no Café Literário

No mês de setembro, aconteceu mais uma edição do Café Literário da SPPA, porém, com uma proposta diferente: através de um sarau, procurou-se reproduzir a experiência de um grupo de amigas que se reúnem sistematicamente para a leitura e reflexão de poesias. O tema “A Sensualidade na poética das Mulheres” pautou a leitura de poemas de diferentes poetas. Todos os presentes foram convidados a opinar livremente sobre o impacto da leitura apresentada.

Cada poema era lido por duas pessoas criando a sensação de que era outro o verso que estava sendo ouvido, particularidade apreciada e discutida. “Nossa impressão foi de que a intenção obteve êxito, pois o público participou ativamente criando um clima semelhante ao dos nossos saraus”, observou a psicanalista Alice Lewkowicz, participante do encontro, que contou ainda com a presença da psicanalista Carmem Keidann, da coordenadora pedagógica da Escola Projeto Beth Baldi, da pediatra Heloisa Medeiros, das psiquiatras Lais Knijnik e Lizete Pezzi, e ainda das psicopedagogas Luiza Goidanich Costa e Verônica Alfonsín.